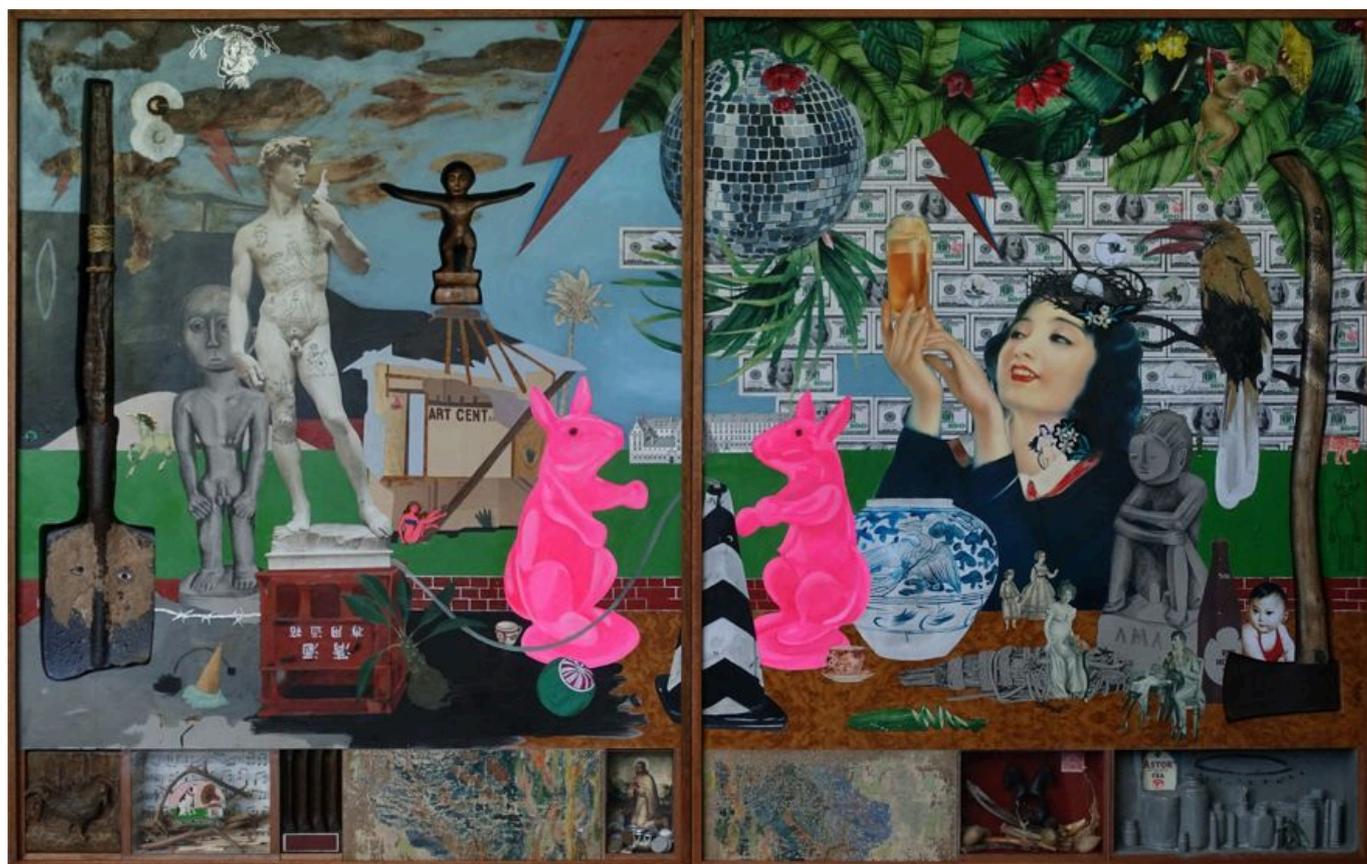


Os Estados Unidos querem transformar Taiwan na Ucrânia do Leste | Carta semanal 6 (2023)



Kawayan De Guia (Filipinas), *Nature of Currency* [Natureza da moeda], 2017.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Em 2 de fevereiro de 2023, o Presidente Ferdinand Marcos Jr. das Filipinas se reuniu com o Secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, no Palácio Malacañang, em Manila, onde **fizeram um acordo** para expandir a presença militar americana no país. Em uma **declaração conjunta**, os dois governos concordaram em “anunciar seus planos para acelerar a plena implementação do Acordo de Cooperação Reforçada em Defesa (EDCA, na sigla em inglês)” e “designar quatro novos Locais Acordados em áreas estratégicas do país”. O EDCA, que foi acordado em 2014, permite que os EUA utilizem terras nas Filipinas para suas atividades militares. Foi formulado quase um quarto de século depois que as tropas estadunidenses deixaram suas bases

nas Filipinas – incluindo uma base maciça na Baía de Subic – durante o colapso da URSS.

Naquela época, os EUA operavam com a suposição de que tinham triunfado e não mais precisavam da vasta estrutura de bases militares que tinham construído durante a Guerra Fria. A partir dos anos 1990, os EUA montaram um novo tipo de estrutura global ao integrar as forças militares dos países aliados como forças subordinadas ao seu controle militar e construir bases menores para criar um alcance muito maior para sua potência aérea tecnologicamente superior. Nos últimos anos, os EUA têm sido confrontados com a realidade de que seu aparente poder singular está sendo desafiado economicamente por vários países, como a China. Para fazer frente a esses desafios, os EUA começaram a reconstruir sua estrutura de força militar por meio de seus aliados e por meio dessas estruturas de base menores, mas não menos letais. É provável que três das quatro novas bases nas Filipinas sejam na Ilha Luzon, ao norte do arquipélago, o que colocaria os militares americanos a uma distância impressionante de Taiwan.



Su Xiaobai (China), *Great Consummation-3* [Grande Consumo-3], 2008.

Durante os últimos quinze anos, os EUA pressionaram seus aliados – incluindo aqueles organizados na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) – para fortalecer seu poder militar, aumentando ao mesmo tempo seu poder tecno-militar e seu alcance, estabelecendo bases menores em todo o mundo e produzindo novas aeronaves e navios com maior alcance territorial. Essa força militar foi então utilizada em uma série de ações provocativas contra aqueles que se sentiam ameaçados, com dois países-chave, China e Rússia, enfrentando a ponta afiada da lança dos EUA. Nos dois extremos da Eurásia, os EUA começaram a provocar a Rússia por meio da Ucrânia e a China através de Taiwan. As provocações sobre a Ucrânia resultaram agora em uma guerra que está em curso há um ano, enquanto as novas bases dos EUA nas

Filipinas são parte de uma escalada contra a China, utilizando Taiwan como campo de batalha.

Para dar sentido à situação na Ásia Oriental, o restante desta carta apresentará o briefing n. 6 de **Sem Guerra Fria**, *Taiwan é uma Linha Vermelha*, que também está disponível para download em [1] **PDF**[2] .



Nos últimos anos, Taiwan se tornou um foco de tensão entre os Estados Unidos e a China. A gravidade da

situação foi recentemente ressaltada em 21 de dezembro, quando aviões militares estadunidenses e chineses **ficaram** a três metros um do outro sobre o Mar do Sul da China.

Na raiz desse conflito latente estão as perspectivas divergentes dos países sobre a soberania de Taiwan. A posição chinesa, conhecida como o princípio “Uma China”, é firme: embora o continente e Taiwan tenham sistemas políticos diferentes, eles fazem parte do mesmo país, com a soberania residindo em Pequim. Enquanto isso, a posição dos EUA sobre Taiwan é muito menos clara. Apesar de adotar formalmente a política “Uma China”, os EUA mantêm extensas relações “não oficiais” e laços militares com Taiwan. De fato, segundo a Lei de Relações de Taiwan de 1979, a lei estadunidense **requer** de Washington o fornecimento de armas “de caráter defensivo” para a ilha.

Os EUA justificam seus contínuos laços com Taiwan alegando que eles são necessários para manter a “democracia” e a “liberdade” da ilha. Mas, quão válidas são essas reivindicações?

Um ponto de apoio para a influência

Para entender o significado geopolítico contemporâneo de Taiwan, é necessário examinar a história da Guerra Fria. Antes da Revolução Chinesa de 1949, a China estava em meio a uma guerra civil entre comunistas e nacionalistas, ou Kuomintang (KMT) – este último tendo recebido **bilhões** de dólares em apoio militar e econômico de Washington. A revolução resultou no estabelecimento da República Popular da China (RPC) no continente, enquanto as forças derrotadas do KMT fugiram para a ilha de Taiwan, que havia retornado à soberania chinesa quatro anos antes, em 1945, após cinquenta anos de domínio colonial japonês. De Taipei, o KMT declarou que eles eram o legítimo governo no exílio de toda a China sob o nome da República da China (RC) – originalmente fundada em 1912 – rejeitando assim a legitimidade da RPC.

Logo na sequência, os militares estadunidenses estabeleceram o Comando de Defesa dos Estados Unidos em Taiwan, em 1955, **levando** armas nucleares para a ilha e **ocupando-a** com milhares de tropas até 1979. Longe de proteger a “democracia” ou “liberdade” em Taiwan, os EUA apoiaram o KMT no estabelecimento de uma ditadura, incluindo um período consecutivo de 38 anos de lei marcial de 1949-1987. Durante esse tempo, conhecido como o “Terror Branco”, as autoridades taiwanesas **estimam** que de 140 mil a 200 mil pessoas foram presas ou torturadas, e de 3 mil a 4 mil foram executadas pelo KMT. Washington aceitou essa repressão brutal porque Taiwan representava uma base útil – localizada a apenas 160 quilômetros da costa sudeste do Estado chinês – que costumava pressionar e isolar Pequim da comunidade internacional.

De 1949 a 1971, os EUA manobram com sucesso para excluir a RPC das Nações Unidas, argumentando que a administração da RC em Taiwan era o único governo legítimo de toda a China. É importante notar que, durante esse tempo, nem Taipei nem Washington alegaram que a ilha estava separada da China, uma narrativa que hoje está avançada para alegar a “independência” de Taiwan. Entretanto, esses esforços acabaram sendo derrotados em 1971, quando a Assembleia Geral da ONU votou pela destituição da RC e reconheceu a RPC como o único representante legítimo da China. Mais tarde naquela década, em 1979, os EUA finalmente normalizaram as relações com a RPC, adotaram a política “One China” [Uma China] e encerraram suas relações diplomáticas formais com a RC em Taiwan.



Chu Weibor (China), *Sun in the Heart*, 1969.

A interferência dos EUA deve acabar para que se tenha Paz em Taiwan

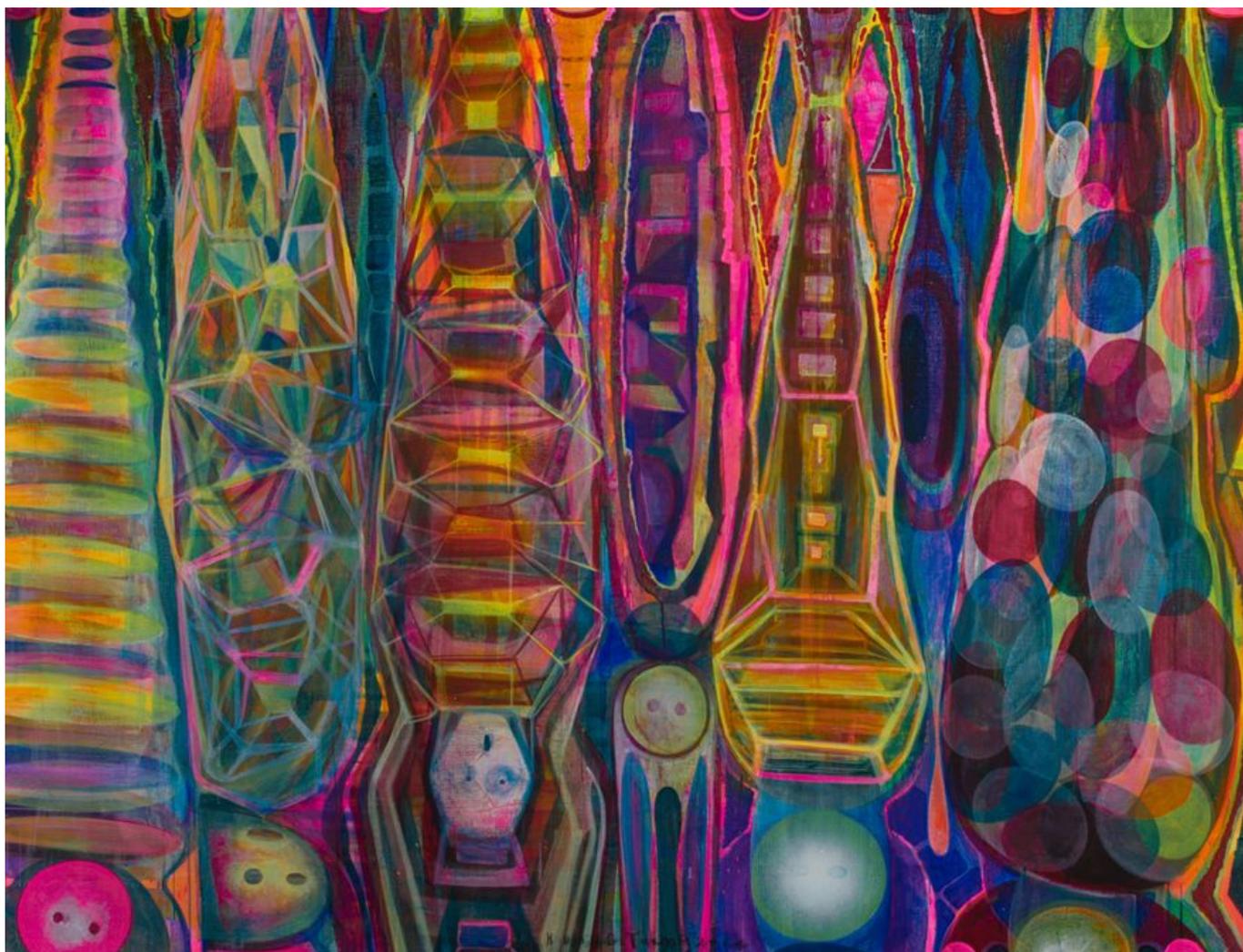
Hoje, a comunidade internacional adotou esmagadoramente a política “Uma China”, com apenas 13 dos 193 Estados membros da ONU reconhecendo a RC em Taiwan. Entretanto, devido às contínuas provocações dos EUA em aliança com as forças separatistas em Taiwan, a ilha continua sendo uma fonte de tensão e conflito internacional.

Os EUA **mantêm** estreitos laços militares com Taiwan por meio da venda de armas, treinamento militar, conselheiros e pessoal na ilha, bem como reiteradamente navios de guerra à vela pelo estreito Estreito de Taiwan que separa a ilha do continente. Em 2022, Washington **prometeu** 10 bilhões de dólares em ajuda militar a Taiwan. Enquanto isso, delegações do Congresso dos EUA viajam regularmente para Taipei, legitimando noções de separatismo, tais como uma controversa **visita** de Nancy Pelosi, ex-presidente da Câmara dos Deputados dos EUA, em agosto de 2022.

Os EUA ou qualquer outro país ocidental aceitaria uma situação em que a China prestasse ajuda militar, estacionasse tropas e oferecesse apoio diplomático às forças separatistas em parte de seu território internacionalmente reconhecido? A resposta, é claro, é não.

Em novembro, na cúpula do G20 na Indonésia, o presidente chinês Xi Jinping e o presidente estadunidense Joe Biden realizaram sua primeira **reunião presencial** desde que Biden foi eleito presidente. Na reunião, Xi reiterou fortemente a posição da China sobre Taiwan, dizendo a Biden que “a questão de Taiwan está no centro dos interesses centrais da China, a base da fundação política das relações China-EUA, e a primeira linha vermelha que não deve ser atravessada”. Embora Biden tenha respondido afirmando que os EUA aderem à política “Uma China” e que ele “não está à procura de conflito”, apenas alguns meses antes, ele **havia afirmado** em uma entrevista televisiva que as tropas estadunidenses interviriam militarmente para “defender Taiwan”, se necessário.

Está claro pelo histórico dos Estados Unidos que Washington pretende provocar a China e desconsiderar sua “linha vermelha”. Na Europa Oriental, uma abordagem igualmente imprudente, ou seja, a contínua expansão da Otan em direção à fronteira da Rússia, levou à eclosão de uma guerra na Ucrânia. Como as forças progressistas em Taiwan têm **declarado**, para manter a paz no Estreito de Taiwan e evitar o flagelo da guerra, é necessário deter a interferência dos EUA.



Huang Yuxing (China), *Trees of Maturity [Árvores da maturidade]*, 2016.

Em 31 de janeiro, o Papa Francisco realizou uma missa na República Democrática do Congo (RDC) com a presença de um milhão de pessoas, onde **declarou** que “a exploração política deu lugar a um ‘colonialismo econômico’ que era igualmente escravizador”. A África, disse o Papa, “não é uma mina a ser despojada ou um terreno a ser saqueado. Tire as mãos da África!”. Mais tarde, nessa mesma semana, os EUA e as Filipinas – em total desrespeito à declaração do Papa – concordaram em construir novas bases militares, completando o cerco das bases aliadas dos EUA em torno da China e intensificando a agressão dos EUA em relação ao país.

O grito do Papa poderia muito bem ser “tire as mãos do mundo!”. Isso, é claro, significaria um não a uma nova Guerra Fria e a mais provocações.

Cordialmente,

Vijay.

